

# **Compreendendo as relações entre o Museu Nacional e os contextos escolares: uma análise documental (1929 a 1940)**

## **Understanding the relations between the National Museum and the school contexts: a document analysis (1929 to 1940)**

### **Resumo**

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da relação entre museus e escolas a partir da relação que o Museu Nacional estabeleceu com instituições escolares durante o período entre 1929 e 1940. Para isso procede-se à análise de relatórios anuais produzidos pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional, os quais mostram a articulação com o ensino a partir da produção de materiais didáticos de Ciências. O artigo apoia-se nos seguintes referenciais teóricos: Ivor Goodson, contribuindo para pensar o currículo como construção sócio histórica; Martha Marandino, trazendo importantes elucidaciones sobre a educação em museus e o contexto dos museus de Ciências; e Paulo Rogério Sily, auxiliando a reconstruir aspectos relevantes sobre a trajetória e dimensão educativa do Museu Nacional, bem como analisar os relatórios anuais.

**Palavras chave:** museu, escola, material didático, ensino, ciências

### **Abstract**

The present article proposes a reflection on the relationship between museums and schools based on the relation that the National Museum established with the educational institutions in the decades of 1929 to 1940. For this purpose, we analyze annual reports produced by the Teaching Assistance Section of the Museum National (SAE), where it shows the articulation with the teaching, from the perspective of the production of didactic material of Sciences. The article is based on the following theoretical references: Ivor Goodson, helping to think the curriculum as socio-historical construction; Martha Marandino, bringing important elucidations about the education in museums and the context of the museums of Sciences; and Paulo Rogério Sily, helping to reconstruct relevant aspects of the educational trajectory and dimension of the National Museum, as well as to analyze the annual reports.

**Key words:** museum, school, teaching materials, teaching, science

### **Apresentação**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de tese que busca perceber o uso que professores de Ciências e Biologia fazem de uma coleção didática zoológica do Museu Nacional. A referida investigação procura discutir como tradições do ensino de Ciências relacionadas à História Natural podem ser percebidas na prática docente de professores de Ciências e Biologia que usam, atualmente, objetos zoológicos nas suas aulas. A relação entre Museu e

escola é analisada sob a perspectiva da prática docente. Neste recorte, buscamos, a partir da análise de relatórios anuais, destacar a relação entre museu e escola considerando as concepções sobre o ensino de Ciências.

Essa relação é mediada por materiais didáticos, conforme observado nos relatórios analisados. Percebemos os documentos da Seção de Assistência ao Ensino (SAE), conforme Lê Goff (1994), como frutos de uma época, durante a qual o Museu Nacional teve uma determinada atuação política na sociedade, e vigoravam determinadas ideias sobre a ciência e o seu ensino. Os professores da educação básica utilizavam materiais produzidos pelo Museu nas aulas das disciplinas escolares, reconhecendo legitimidade e autoridade científica a essa instituição.

Na perspectiva da relação entre museus e escolas, optamos por considerar a análise de relatórios anuais produzidos pela SAE<sup>1</sup>, entendendo que esses documentos contêm indícios que informam sobre a relação do Museu Nacional com os contextos escolares. Tal relação era caracterizada pela produção e distribuição de materiais didáticos que visava a contribuir para o aprimoramento do ensino de Ciências nas escolas brasileiras. Este estudo se propõe a instigar reflexões sobre a relação entre museus e escolas a partir da relação do Museu Nacional com as escolas, durante o período entre 1929 e 1940, mediatizada por materiais didáticos de Ciências.<sup>2</sup>

Organizamos o artigo em quatro seções. Na primeira, discorremos sobre a disciplina escolar Ciências, destacando aspectos sobre o seu ensino articulados a concepções pedagógicas. Já na segunda seção, abordamos os museus de Ciências como importantes espaços de educação não formal. Além disso, perpassando a relação entre museu e escola, buscamos explorar as concepções sobre Ciências e o seu ensino que vigoravam no referido contexto histórico. E finalmente, na terceira seção trazemos alguns elementos resultantes da análise dos relatórios anuais produzidos pela SAE do Museu Nacional, buscando compreendê-los na perspectiva de atuação do Museu Nacional no período de 1929 a 1940. Ressaltamos que tal atuação se caracterizava, dentre outros aspectos, pela produção de materiais didáticos de Ciências para as escolas, revelando uma faceta da relação deste Museu com os estabelecimentos escolares naquele momento, em que diferentes concepções políticas e pedagógicas atravessavam as suas práticas. Concluindo, apresentamos as considerações finais, buscando sintetizar as reflexões propostas.

## **As disciplinas escolares Ciências e Biologia**

Com base nos estudos de Ivor Goodson (1997), compreendemos as disciplinas escolares Ciências e Biologia como construções sócio-históricas, cujos rumos se articulam a movimentos sociais de grupos e subgrupos de uma comunidade disciplinar que articula interesses e finalidades educacionais nos processos de produção de ideias e propostas para o ensino dessas disciplinas, sendo aquelas reconhecidas na ação dos docentes. Além disso, com apoio em Chervel (1990), reconhecemos que mudanças nas finalidades educacionais implicam em mudanças na estrutura das disciplinas escolares, o que reforça o seu caráter não estático, estando aquelas sempre sujeitas a possibilidades de mudanças ao longo de sua

---

<sup>1</sup> Constitui um recorte da parte empírica da pesquisa de tese em andamento, que contará ainda com recursos metodológicos de análise de formulários de avaliação e entrevistas com professores de Ciências e Biologia.

<sup>2</sup> Na pesquisa de tese em andamento foram analisados os relatórios anuais produzidos no período de 1929 a 1972. Para este artigo, no entanto, selecionamos o período em que o Museu Nacional começou a produzir material didático para as escolas, considerando ainda que nesse período a produção e distribuição de material didático às escolas foi mais intensa.

história. Dessa forma, elas devem ser entendidas como construções sócio-históricas, considerando que fatores sociais incidem sobre as finalidades no ensino produzindo tanto permanências como mudanças curriculares.

Partindo dessa perspectiva sócio-histórica, tomamos o movimento de renovação da Escola Nova, na década de 1930, como uma possível influência que imprimiu suas marcas nas disciplinas escolares assim como nas práticas de professores de Ciências e Biologia. Esse movimento valorizava concepções pedagógicas que argumentam em favor de um ensino prático nas escolas em oposição ao ensino tido como tradicional. Além disso, produziu um discurso renovador para a educação brasileira, propondo reformar a escola tradicional a partir da construção de um novo modelo escolar que dá centralidade à criança, no qual o aluno é percebido como sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, são valorizadas novas metodologias de ensino, com aulas práticas, promovendo a ideia do educando como agente na construção seu processo de aprendizado. O pensamento de John Dewey exerceu grande influência sobre o Movimento da Escola Nova no Brasil, pautado em pressupostos democráticos e na experiência vivenciada pelos educandos (TONOBOHN, 2010).

Podemos discutir as disciplinas escolares Ciências e Biologia como constituídas a partir de uma comunidade que é atravessada por diversos movimentos. Na década de 1930 reconhecemos aspectos relacionados à Escola Nova. Essa comunidade disciplinar tem atuação expressiva nesses movimentos, corroborando para a disseminação de concepções sobre o ensino de Ciências. Conforme em Goodson (1997):

A comunidade disciplinar não deve ser vista como um grupo homogêneo cujos membros comungam dos mesmos valores e definição de papéis, interesses e identidades. A comunidade disciplinar deve ser vista, sim, como um movimento social incluindo uma gama variável de missões ou tradições distintas representadas por indivíduos, grupos, segmentos ou facções (GOODSON, 1997, p. 44).

Assim, reconhecemos que as práticas educativas da SAE do Museu Nacional parecem ir ao encontro das perspectivas da Escola Nova quando, em determinado contexto sócio-histórico, busca orientar e formar professores de Ciências para aprimoramento do ensino da disciplina em sala de aula, com ênfase no conhecimento da História Natural. O Museu Nacional foi construindo uma tradição de utilização de material didático nesse período para investir na melhoria do ensino de ciências nas escolas. E em diferentes momentos históricos, suas práticas são atravessadas por movimentos que influenciam os rumos das disciplinas escolares, assim como o ensino e a prática pedagógica dos professores.

### **Os museus de Ciências como espaços de educação**

Os museus de Ciências constituem importantes espaços de divulgação do conhecimento científico, construção de saberes e formação cultural. Marandino (2005) valoriza os museus de ciências como espaços educativos, onde a experiência vivenciada se projeta para além do deleite e da diversão, o que nos leva a perceber a intencionalidade pedagógica presente nestes espaços.

No século XIX, a dimensão educativa dos museus ganha ênfase. Neste cenário, se antes, os museus de ciências compunham um acúmulo de objetos mineralógicos, zoológicos, arqueológicos, organizados de forma assistemática e enciclopédica, característicos dos chamados gabinetes de curiosidades, neste século as preocupações se voltam ao público visitante, à experiência dos mesmos nesses lugares, bem como à compreensão dos

conhecimentos científicos, à forma como os objetos poderiam ser abordados nestes contextos, de forma mais didática, à linguagem museal, possibilitando o acesso a esse conhecimento. Passa-se, assim, a valorizar a aprendizagem significativa que se espera que os visitantes possam vivenciar nesses espaços:

[...] no passado os visitantes se contentavam e conformavam em contemplar o que era exposto. Paulatinamente uma maior ênfase foi dada à participação dos visitantes nas exposições, a partir da introdução de outros recursos museográficos. A compreensão de uma nova regra do jogo levou à adoção de um comportamento exploratório dos temas expostos, por meio de aparatos interativos. (VALENTE, CAZELLI e ALVES, 2005, p. 198).

Destacamos que apesar da função educativa dos museus ter ganhado ênfase no século XX, o Museu Nacional inaugurou essa função desde a época de sua criação. Naquele contexto, essa função educativa se voltava à construção de uma nação, a difusão da História Natural e instrução de um público seletivo, formado por cientistas, pesquisadores e naturalistas. No caso particular do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a função educativa esteve presente como um de seus objetivos, tanto nos decretos e regulamentos de governo que organizaram a instituição, como nas ações voltadas para divulgação da ciência e popularização da cultura, desde sua criação, ainda no período Joanino, em 1818, até os dias atuais (SILY, 2012, p.21).

Os novos museus do século XX passaram a se preocupar com o acesso ao conhecimento cada vez mais ampliado à diversidade de público que recebem. Os aspectos comunicacionais se destacam como relevantes, passando a importar não apenas o acesso irrestrito do público, cada vez mais heterogêneo que visita esses espaços, mas também à forma como acessam o conhecimento, a experiência vivenciada, entendendo que esta deve ser prazerosa e promover uma aprendizagem significativa.

### **Os relatórios anuais da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional**

Nas décadas de 1920 e 1930, cumprindo demanda das autoridades governamentais da época, o Museu Nacional produziu e distribuiu diversas coleções biológicas às escolas (SILY, 2012). Essa instituição exercia um papel de autoridade científica na sociedade, com legitimidade no campo científico e estabelecia com as escolas uma relação mediada pela concessão de materiais didáticos de Ciências. A preocupação central era contribuir para a promoção de um ensino de Ciências de qualidade nas escolas, mais especificamente centrado no ensino de História Natural.

De acordo com Sily (2012) cada escola deveria compor o seu museu escolar. Os chamados museus pedagógicos eram formados por coleções de objetos relativos ao ensino, como mobílias escolares, materiais de ensino, lápis; enquanto que os museus escolares tinham como objetivo auxiliar o professor na sua prática pedagógica, como as coleções zoológicas, mineralógicas, botânicas, desenhos, dentre outros (VIDAL, 1999).

O Museu Nacional manteve sua função educativa desde a época de sua criação, quando circulavam ideias sobre a importância do conhecimento da História Natural, instrução pública e formação científica do povo. E naquele contexto histórico, se pensavam em novas metodologias pedagógicas que dessem conta de aprimorar o ensino de Ciências nas escolas. Neste contexto, materiais didáticos foram produzidos para ser distribuídos às instituições escolares, aspecto central da relação entre o Museu Nacional e as escolas, nos trazendo uma perspectiva ampliada de análise sobre a relação entre museus e escolas.

Os Relatórios Anuais da Seção eram documentos produzidos pelo chefe da Seção e encaminhados à Direção do Museu Nacional. Esses relatórios continham descrições

minuciosas e detalhadas de todas as atividades desenvolvidas pelo setor mensalmente, além de dados quantitativos do movimento de material produzido e distribuído. Assim, eram descritas aulas de taxidermia ministradas pelos pesquisadores do Museu Nacional aos professores das escolas básicas, bem como serviço de catalogação, conservação e classificação de material realizado, além de cursos sobre organização de museus escolares ministrados aos professores.

A partir da observação desses relatórios, foi possível perceber as diversas atribuições do setor à época de sua criação, e, o quanto suas atividades se relacionavam à divulgação das Ciências Naturais, influenciadas pelo contexto histórico social, coadunando com as ideias educacionais predominantes. Segue abaixo um trecho extraído do Relatório Anual de 1940:

Aulas práticas sobre técnica de colheita, preparo e conservação de material botânico e zoológico, técnica de moldagem, modelagem, pintura e cenografia para fins de preparo de peças e mostruários de ensino, instruções e orientação sobre organização de museus escolares foram ministradas a professores. Além destas aulas, foram atendidas numerosas coleções e realizada classificação do copioso material de mineralogia, zoologia, botânica, produtos industriais etc, que a compunham (RELATÓRIO ANUAL DA SAE, 1940, p. 2).

Como mencionado, a fim de montar os museus escolares, as escolas reuniam objetos fornecidos pelo Museu Nacional, como as coleções zoológicas, botânicas e antropológicas, por exemplo, que eram preparadas nas dependências do Museu Nacional, mais especificamente no setor educativo, e montavam seus próprios museus no espaço escolar. Essa prática dos museus montados nas instituições escolares ia ao encontro dos pressupostos da Escola Nova, que defendia uma educação menos livresca e que se aproximasse do cotidiano dos alunos. Aprofundava-se aqui a viragem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século XIX, na organização das práticas escolares. Marandino, Selles e Ferreira (2009), baseando-se em Valdemarin (2000), destacam que o método intuitivo foi um movimento pedagógico surgido nos EUA e Europa que:

Abrangia conteúdos e métodos a ser ensinados no ensino elementar e tinha como base o uso de objetos concretos para serem observados e experimentados pelas crianças, tendo em vista o conhecimento das coisas e do mundo (MARANDINO, SELLES E FERREIRA, 2009, p. 72).

Além de produzir material didático para ser enviado às escolas, no contexto dos ideários educacionais da época, o Museu Nacional também ofereceu cursos sobre a organização dos museus escolares, e utilização de materiais didáticos para formação de professores. Nos Relatórios Anuais da SAE foi possível perceber uma enorme periodicidade com a qual esses cursos aconteciam. Todos os relatórios analisados apresentam registros relacionados às atividades realizadas na Sala de Cursos, como o relatório anual de 1938, destacado abaixo, que destaca as atividades da seção durante os meses de julho, agosto e setembro de 1938.

Quadro: Movimento da sala de cursos.

Escolas atendidas	5
Professores que se utilizaram da sala de cursos	11
Frequência (alunos e visitantes)	135
Filmes exibidos durante as aulas	18 atos
Diapositivos utilizados na ilustração de aulas	48

Fonte: Relatório Anual da SAE de 1938

## Considerações finais

Nossas observações e análises dos relatórios da SAE, no período entre 1929 e 1940, indicam que a história natural marca a história dos museus de ciências. Este enfoque curricular constitui também uma tradição muito valorizada nas disciplinas escolares Ciências e Biologia. Nesse sentido, pode ser concebida como um elemento mediador da relação entre museu e escola quando pensamos a trajetória do Museu Nacional na sua dimensão educativa. Esta é fortemente marcada pela relação com as escolas que se caracteriza especificamente pela produção e distribuição de materiais didáticos de Ciências. Tais materiais tinham como foco o conhecimento da História Natural associado a objetivos relacionados à instrução pública e à formação científica da população brasileira.

Os relatórios anuais da SAE analisados para este artigo foram queimados no incêndio ocorrido no Museu Nacional da UFRJ no dia 02 de setembro de 2018. Pudemos produzir as análises aqui apresentadas a partir de cópias digitalizadas feitas para a pesquisa de tese em desenvolvimento. Portanto, são documentos que reconstroem essa história, fazendo com que a memória desta instituição e deste setor permaneçam vivas.

Articulando a nossa análise ao tema do XII ENPEC “Pesquisa em Educação em Ciências: Diferença, Justiça Social e Democracia”, buscamos com este artigo trazer contribuições para pensar a relação entre museus e escolas construída nesse contexto, uma relação que resiste a partir das ações de diferentes sujeitos, como os docentes. Acreditamos que ressaltar o papel social de museus, enfatizando sua trajetória histórica e sua função educativa exprime nosso ideal de sociedade, pautado em uma visão crítica e política que nos incite a uma participação ativa, que nos conduza à luta incessante por um espaço melhor para se viver.

Concluindo, buscamos ressaltar a importância histórica do Museu Nacional e do seu setor educativo, que construiu desde longo tempo uma relação intensa, recheada de significados com as escolas, mediada por diferentes ações e concepções articuladas ao conhecimento científico e ao ensino de Ciências.

## Agradecimentos e apoios

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ), ao Laboratório do Núcleo de Estudos do Currículo (LANEC), ao Museu Nacional da UFRJ, à Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE) e à Seção de Arquivo e Memória do Museu Nacional (SEMEAR).

## Referências

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In **Teoria & Educação**. p. 177-229, 1990.

GOODSON, I. **A construção social do currículo**. Lisboa: EDUCA, 1997. 112 p.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. **História e Memória**. Campinas. SP: Unicamp, 1994.

MARANDINO, M. Museus de Ciências como Espaços de Educação. **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176.

....., SELLES, S. E. & FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia – histórias e práticas em diferentes espaços educativos**, São Paulo: Cortez, 2009.

**RELATÓRIO DA SEÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO DE HISTÓRIA NATURAL DO MUSEU NACIONAL. 1929 a 1940. SEMEAR/Museu Nacional/UFRJ.**

**SILY, P.R.M. Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935),** Rio de Janeiro, 2012.

**TONOBOHN, E. O ensino de Ciências e a Escola Nova: Análise de Interfaces entre História da Ciência e Ensino.** Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2010.

**VALENTE, M. E., CAZELLI, S. e ALVES, F.: Museus, ciência e educação: novos desafios. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.**

**VIDAL, D. G. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, D. G.; SOUZA, M.C.C.C. de. A memória e a sombra: a escola pública brasileira entre o Império e a República.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.